O PERCURSO DO SUJEITO: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO CONTO EMMA ZUNZ DE JORGE LUIS BORGES

THE JOURNEY OF THE SUBJECT: A SEMIOTIC ANALYSIS OF THE "EMMA ZUNZ" SHORT STORY OF JORGE LUIS BORGES

Antonio Rediver Guizzo[1]

Mariana Cortez[2]

Micheli Martini do Nascimento[3]

RESUMO: O objetivo deste artigo foi analisar o percurso gerativo de sentido, mais especificamente, o percurso da construção do sujeito no conto *Emma Zunz,* de Jorge Luis Borges. Nesse sentido, o presente estudo buscou investigar a construção e transformação da personagem protagonista, de moça pacífica à assassina, capaz de executar premeditadamente um plano de vingança. Como aportes teóricos, o trabalho orienta-se na área da Semiótica Discursiva desenvolvida no Brasil pelos trabalhos de Fiorin (2002/2006), Carvalho (2011) e Barros (2000), e em estudos da fortuna crítica de Jorge Luis Borges. A partir das análises, foi possível observar que a construção discursiva da personagem aponta para duas dimensões significativas: a) certa inovação na representação literária da mulher enquanto agente de atos violentos; b) certa afirmação da emancipação feminina através da figuração do assassinato.
PALAVRAS-CHAVE: Jorge Luis Borges; Emma Zunz; Semiótica.

ABSTRACT: The purpose of this article was to analyze the sense generative course, more specifically, the course of the subject's construction, from the analysis of the tale Emma Zunz by Jorge Luis Borges. In this sense, the present study investigated the construction and transformation of the protagonist character, from a peaceful girl to a murderer, capable of executing a plan of revenge. As theoretical contributions, the work is oriented in the Discursive Semiotics area developed in Brazil mainly by Fiorin (2002/2006), Carvalho (2011) and Barros (2000), and in critical essays on Jorge Luis Borges. From the analyzes, it was possible to observe that the discursive construction of the character targets to two significant dimensions: a) a certain innovation in the woman literature representation as agent of violent; b) a certain affirmation of female emancipation through the figuration of the murder.
KEYWORDS: Jorge Luis Borges; Emma Zunz; Semiotics.

[1] Doutorado e Mestrado em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Graduação em Letras pela mesma Universidade. Pós-Graduação latu sensu em Língua Portuguesa e Literatura (Faculdade do Iguaçu) e em Métodos e Técnicas de Ensino (UTFPR). Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História (ILAACH), professor do curso de Letras – Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras (LEPLE) e professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada (Mestrado) - PPGLC. E-mail: antonioredguizzo@gmail.com

[2] Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), projeto fomentado com bolsa sanduíche (CAPES) - estágio de doutorado no exterior, Portugal (UTAD). Mestre em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade Federal da Integração Latino-americana da área Letras/Linguística, na graduação e do mestrado em Literatura Comparada (PPGLC). Foi leitora do Brasil junto à Universidad Nacional de Córdoba, Argentina (UNC - Facultad de Lenguas), designada pelo Ministério de Relações Exteriores do Brasil e por processo seletivo CAPES. E-mail: mariana.cortez@unila.edu.br

[3] Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Possui graduação em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas pela Faculdade Dinâmica das Cataratas (2012). Atualmente é professora no Colégio Monjolo com ensino de língua estrangeira moderna - Inglês. E-mail: mm.nascimento.2017@aluno.unila.edu.br

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

INTRODUÇÃO

A Semiótica investiga a construção de sentidos e significações dos signos nos diversos sistemas semióticos produzidos e veiculados na sociedade. Neste sentido, o percurso gerativo de sentido pode nos permitir a compreensão da construção enunciativa dos sujeitos; no caso deste trabalho, da imagem da mulher no conto *Emma Zunz* de Jorge Luis Borges.

A partir desta questão teórica, buscar-se-á evidenciar como se apresentam no conto, na sucessão dos fatos narrados e nas escolhas figurativas no nível discursivo, o que é dito e como é dito, especificamente, a construção feminina na obra borgeana.

A personagem protagonista do texto analisado, Emma Zunz, é responsável por uma série de eventos que tem como intuito vingar a morte do pai; para tal fim, caracteriza-se a personagem como perspicaz e engenhosa, capaz de, em menos de três dias, elabora e executar seu plano de vingança, durante a qual mente, seduz e mata.

A escolha do gênero conto para a análise entabulada neste trabalho justifica-se por trazer um apanhado de informações em um curto espaço, assim possibilitando um estudo de orientação Semiótica com maior detalhamento no espaço deste artigo. O tema da filha que vinga a morte do pai também dialoga com o exercício da violência, prática culturalmente afastada da mulher, vista pelos modelos sociais como dócil, submissa e condescendente, esses, pois, serão os temas discursivos problematizados ao longo da análise.

O conto escolhido também se caracteriza pelo diálogo com as narrativas policiais, desenvolvendo-se por meio de estratégias composicionais que prendem a atenção do leitor por meio de pistas deixadas no texto que indicam possíveis ações das personagens, mas que somente estabelecem a coerência integradora ao final da narrativa.

Na primeira seção deste trabalho, traçamos algumas considerações sobre a Semiótica discursiva, principalmente quanto às questões do percurso do sujeito e seus revestimentos discursivos. Na segunda seção, apresentamos uma breve contextualização sobre o autor e seu estilo literário, sobre a narrativa escolhida e outros elementos que permitem melhor compreender a representação da personagem protagonista. Na terceira seção, a personagem é mais detidamente analisada sob os pressupostos da Semiótica.

SEMIÓTICA: INTRODUÇÃO E CONCEITUAÇÃO

A chamada Semiótica Discursiva desenvolveu-se a partir dos postulados de Algirdas Julien Greimas (1917-1992) e de seus seguidores, tais como Barros, Carvalho e Fiorin, no Brasil. Este último explica que

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

> [...] a Semântica Estrutural desiste do objetivo de descrever exaustivamente o plano do conteúdo das línguas naturais e passa a se conceber como uma teoria do texto, visto como um todo de significação. Visa ela, então, menos a descrever o que o texto diz, mas como o texto diz o que diz, ou seja, os mecanismos internos de agenciamento de sentido. (Fiorin, 2006, p. 69)

Logo, norteando-se por uma das possíveis leituras de um texto, tais análises passarão a trabalhar o plano do conteúdo, que traz à luz a organização e posicionamento dos fatos narrados de um texto, seja ele verbal ou não. Dessa forma, analisa-se aquilo que foi dito, como foi dito, e também dos conteúdos manifestos na superfície discursiva.

Neste sentido, partimos do pressuposto que o percurso gerativo de sentido "é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido" (Fiorin, 2002, p. 17). Desta forma, conforme Todorov (2006, p. 79), faz-se necessário concentrar-se nas estruturas narrativas, visto que

> A análise estrutural [...] Não se satisfaz com uma pura descrição da obra, nem com sua interpretação em termos psicológicos ou sociológicos, ou mesmo filosóficos. Em outros termos, a análise estrutural da literatura coincide (em grandes linhas) com a teoria da literatura, com a poética. Seu objeto é o discurso literário mais do que as obras literárias.

Sob esta consideração, ainda cabe destacar que, segundo Todorov, a análise deve debruçar-se sobre o discurso literário, ou como a Semiótica entende sobre o que o texto diz e como ele diz. Em conformidade, tanto Todorov como a Teoria Semiótica tem o texto como objeto de seus estudos e não as análises psicológicas ou sociológicas. Vale ressaltar, no entanto, que houve uma revisão e ampliação no que diz respeito à análise puramente imanentista, já que, retomando as contribuições Bakhtinianas, estudiosos como Fiorin e Barros pressupõe o discurso como um emaranhado de vozes e estas vozes fazem parte da esfera discursiva do texto literário e, portanto, está em constante diálogo com outras áreas do conhecimento.

Sendo assim, textos com multiplicidades de leitura, tais como o que compõe esta análise, necessitam sustentar-se em uma dada teoria, que estabelecerá as relações internas e externas ao texto e delimitará qual problemática abordada.

> A crítica literária contemporânea descreve a natureza dinâmica do texto como produto da habilidade deste para adquirir novos significados quando (re)lido sob uma diversidade de pontos de vista. O impulso interpretativo do presente alcança as obras do passado, inclusive as de épocas em que ainda se sustentava a crença na precisão e na objetividade interpretativa. (Namorato, 2011, p. 53)

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

Considerando-se então, que o texto está sempre em movimento, ou seja, a cada leitura e releitura podem-se abrir novas chaves de interpretação, compreende-se de igual forma da abordagem teórica na compreensão dos sentidos e significações presentes no objeto de estudo.

DE JORGE LUIS BORGES À *EMMA ZUNZ*

Jorge Luis Borges é considerado um dos maiores escritores argentinos e consagrado mundialmente, sobretudo por sua participação no movimento do "*boom*" Latino-Americano. A obra de Jorge Luis Borges é composta principalmente por contos, gênero no qual o autor desenvolveu uma escrita muito particular. Nas palavras de Beatriz Sarlo (2008, p. 97)

> Borges preferiu sempre o conto ao romance, porque neste último os detalhes necessários à construção da verossimilhança predominam sobre a trama, porque o romance é quase inevitavelmente perseguido pelo fantasma da representação e da referencialidade.

Nesse gênero narrativo, alguns dos temas de predileção do autor foram a intertextualidade, a metaficção e a exploração dos limites do "fazer literário", que, conforme Namorato (2011, p. 29),

> A apologia da influência na obra de Borges se faz presente não apenas por meio do reaproveitamento de imagens e temas; ela se afirma também através da explícita idealização do texto como um diálogo com outros textos. O reconhecimento pelo autor da leitura no processo de escrita diferencia a atividade literária do mero registro discursivo de um evento.

Outros temas que cabem ressaltar são o fantástico e o gênero policial. Para este trabalho, escolhemos um conto representante deste último estilo composicional, *Emma Zunz*, originalmente publicado na coletânea de contos denominada *El Aleph,* em 1949.

O conto Emma Zunz é narrado em terceira pessoa e possui três personagens-chave: Emma Zunz, protagonista, jovem de 18 anos que é empregada de uma fábrica de tecidos; Manuel Maier ou Emanuel Zunz, pai de Emma, que não participa da narrativa, mas é por quem Emma irá planejar e executar seu plano de vingança; e Aarón Loewenthal, antes empregado e agora um dos donos da fábrica em que Emma trabalha, e a quem a protagonista irá "culpar" pela morte injusta e inesperada do pai.

A trama do conto inicia-se quando Emma voltava do trabalho em janeiro de 1922 e se depara com uma carta que fora deixada em seu vestíbulo. A carta vem endereçada do Brasil e traz notícias sobre o pai ter ingerido, por engano, uma forte dose medicamentosa que o levara

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

a óbito. Passados o mal-estar e a "ciega culpa"[4], a personagem relembra uma conversa anterior com o pai, na última noite em que esteve com ele – antes de ele viajar para o Brasil – na qual Emanuel afirmara ter sido Loewenthal o responsável pelo desfalque na empresa pelo qual fora acusado.

Como recurso muito explorado no gênero policial, a narrativa não expõe de maneira clara o ocorrido na fábrica, tampouco os seus responsáveis, deixando que o suspense possibilite ao leitor completar com inferências várias lacunas da narrativa.

> É importante registrar que 'Emma Zunz' se presta a múltiplas leituras, porque o conto apresenta lacunas e produz ambigüidades que tornam imprescindível a participação do leitor na produção do fato estético. Dessa forma, o relato se abre a outras possibilidades narrativas não desenvolvidas. (Padrão, 2008, p. 1)

Este recurso também serve para ilustrar o caráter da personagem e, de certa forma, postular incertezas sobre a legitimidade das ações que a personagem irá cometer, visto que, conforme a narrativa, a ligação entre o destino do pai e as ações de Loewenthal fora uma dedução de Emma – "como si de algún modo ya conociera los hechos ulteriores. Ya había empezado a vislumbrarlos"[5] (2016, p. 73). A partir deste prenúncio dos fatos vindouros, inicia-se a transformação da personagem. Emma inicia a elaboração de um plano de vingança que inclui ligar para o chefe com pretexto de comunicar uma possível greve na empresa; fingir-se de prostituta e deitar-se com um desconhecido e, assim, ter no seu corpo as marcas que serão usadas como justificativa para o assassinato do chefe – ter sido vítima de um estupro.

Na narrativa, Emma vivia afastada do pai há seis anos quando recebe a a notícia da morte dele, logo, basta uma carta, para que a vingança passe a ser a motivação da personagem, desejo a partir do qual articula todos os pontos de seu plano em um esquema que surpreende o leitor ao final do conto. Neste ponto, cabe destacar que, diferentemente das narrativas policiais em que um detetive persegue as pistas deixadas em uma cena de crime, isto é, nas quais o crime antecede a perseguição dos criminosos e das motivações, Borges traz a narrativa da execução de um crime que acontece apenas no final do conto.

> O enigma, diferentemente da narrativa policial, encontra-se no final do conto e não no início, e consiste em descobrir "como" ela executará sua vingança. O leitor acompanha os passos e as circunstâncias de uma vingadora ao construir as atenuantes do crime que irá cometer, e não a atuação de um investigador que interpreta racionalmente a ação do criminoso para esclarecer um crime. Emma tem relações

[4] "Cega culpa" (Borges, 1999, p. 33, tradução de Flávio José Cardozo).
[5] "Como se de alguma forma, já conhecesse os fatos ulteriores. Talvez já começasse a vislumbrá-los" (Borges, 1999, p. 33, tradução de Flávio José Cardozo).

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

> sexuais com um marinheiro desconhecido, com o objetivo de acusar Loewenthal de tê-la violentado. A humilhação é o preço a ser pago por sua vingança. (Padrão, 2008, p. 1)

A CONSTRUÇÃO SEMIÓTICA DE *EMMA ZUNZ*

Emma Zunz, personagem principal do conto, será analisada à luz da Semiótica, com o fim de entender duas questões interligadas: 1) a transformação de estado do sujeito e seus investimentos figurativos e 2) as construções discursivas da mulher na sociedade. Inicialmente, cabe destacar que

> O foco se volta para a interação entre os actantes da comunicação e as imagens-fim que eles se dão de suas competências respectivas. Essa segunda acepção também não tem pretensões ontológicas. Tem por objetivo, na verdade, apresentar o sujeito da enunciação como sujeito semiótico. (Saraiva, 2011, p. 4)

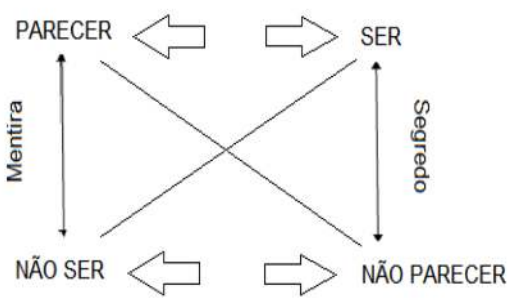
Dessa forma, retomando Saraiva (2011), a análise trata de entender o entrelaçamento de narrativas que se formam e compõem a personagem em seu percurso de transformação de um sujeito inicial a um sujeito final, marcado pela ação da vingança e as construções discursiva implicadas na figurativização da mulher na sociedade.

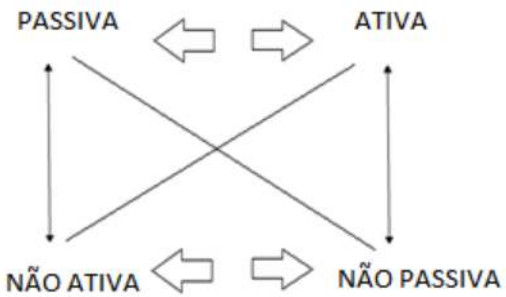
NÍVEL FUNDAMENTAL

O percurso gerativo de sentido apresenta, inicialmente, o nível fundamental que "representa o primeiro momento do percurso gerativo, tratando de explicar a produção, o funcionamento e a interpretação do discurso" (Carvalho, 2011, p. 1).

Conforme Carvalho (2011), sendo este nível o primeiro momento do percurso, e a fim de explicitar os mecanismos que formam o plano de conteúdo, norteou-se esta análise pela oposição fundamental que rege a personagem protagonista, entre o PARECER *versus* SER, apresentados no Quadrado Semiótico, como pode ser observado abaixo:

Quadrado Semiótico





Fonte: Elaboração própria

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

No quadrado semiótico foram apresentadas duas principais vertentes: a do SER e a do PARECER, em que "SER" refere-se ao investimento semântico-discursivo da mulher vingativa e "PARECER" que refere-se à figurativização de mulher pacífica.

A personagem aparenta, inicialmente ser passiva, conforme características apresentadas pelo narrador e, para que ela concretize, de fato sua vingança, é necessário que ela negue o que aparenta e se transforme no que é, "ya era la que sería"[6] (p. 73), "No podía no matarlo, después de esa minuciosa deshonra"[7] (p. 78).

As categorias aplicadas ao eixo semântico selecionado para o conto analisado, conforme análise pautada em Fiorin, recebem "a qualificação semântica /euforia/ - considerado um valor positivo - *versus* /disforia/ - visto como um valor negativo" (2002, p. 20).

A não aceitação de sua condição, como alguém que apenas assiste o acontecer dos fatos, faz com que a personagem percorra um caminho não muito extenso, mas significativo, que culminará na sua mudança, cumprindo a passagem da disforia à euforia. Ao contrário, aceitar os fatos significaria receber a notícia da morte do pai e continuar vivendo dia após dia indiferente ao acontecido, isto é, conformar-se com os eventos que a narrativa apresentou em primeira instância e ser totalmente pacífica e alheia constitui a disforia da presente análise. A transformação da mulher é apresentada pelo conto borgeano como positivo, já que ela sai da passividade à ação.

No entanto, a situação que a motiva à vingança, a morte do pai, é um pretexto extremamente nobre no plano social. É a convivência entre pai e filha, a família, que lhe foi tirada. O que restam são apenas as lembranças felizes dessa convivência e a triste memória da condenação.

> En la creciente oscuridad, Emma lloró hasta el fin de aquel día el suicidio de Manuel Maier, que en los antiguos días felices fue Emanuel Zunz. Recordó veraneos en una chacra, cerca de Gualeguay, recordó (trató de recordar) a su madre, recordó la casita de Lanús que les remataron, recordó los amarillos losanges de una ventana, recordó el auto de prisión, el oprobio, recordó los anónimos con el suelto sobre "el desfalco del cajero", recordó (pero eso jamás lo olvidaba) que su padre, la última noche, le había jurado que el ladrón era Loewenthal[8] (p. 73-74).

[6] "Já era a que seria" (Borges, 1999, p. 33, tradução de Flávio José Cardozo).

[7] "Não podia deixar de mata-lo, depois dessa minuciosa desonra" (Borges, 1999, p. 35, tradução de Flávio José Cardozo).

[8] "Na crescente escuridão, Emma chorou até o fim daquele dia o suicídio de Manuel Maier, que nos velhos dias felizes fora Emanuel Zunz. Recordou veraneios numa chácara, perto de Gualeguay, recordou (procurou recordar) sua mãe, recordou a casinha de Lanús que lhes arrematara, recordou os amarelos losangos de uma janela, recordou o auto de prisão, o opróbrio, recordou as cartas anônimas com o comentário sobre 'o desfalque do caixa', recordou (mas isso ela nunca esquecia) que seu pai, na última noite, jurara que o ladrão era Loewenthal". (Borges, 1999, p. 33, tradução de Flávio José Cardozo).

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

Desta forma, a Vingança, no texto, é compreendida como eufórica, já que se acompanha o percurso de transformação do sujeito de passiva (parecer) ao ativa (ser) mobilizada pela vingança. Então, a mentira é revelação e o verdadeiro ser é apresentado.

NÍVEL NARRATIVO

De acordo com Carvalho (2011, p. 1), "O nível narrativo acontece em torno do desempenho de um Sujeito que realiza um percurso em busca do seu Objeto de valor, sendo instigado por um Destinador que é o idealizador da narrativa e ajudado por um Adjuvante, ou prejudicado por um Oponente". No conto, este nível narrativo é composto com etapas bem marcadas, entre manipulação, competência, performance e sanção, sendo esta a última que determinará se o objeto de desejo foi alcançado.

Delimitando-se que sujeito e objeto são papéis narrativos, e que não se deve confundir objeto com coisas e sujeito com pessoas, busca-se apontar o objeto modal que levará o destinador, nesse caso, Emma, a conquistar seu objeto de desejo, a vingança através da morte de Loewenthal. Neste sentido, no conto, o objeto modal de que a personagem dispõe é a competência do saber-fazer que lhe autoriza a um poder-fazer.

O saber de que dispõe a personagem são as declarações, tomadas como verdadeiras, do pai sobre o desfalque ocorrido na empresa. Inclusive, a única fonte de que dispunha a personagem era a declaração paterna, confidenciada e nunca transmitida para mais ninguém por Emma, nem sequer para sua melhor amiga – "Loewenthal no sabía que ella sabía; Emma Zunz derivaba de ese hecho ínfimo un sentimiento de poder"[9] (p. 74). Emma sabe realizar a vingança, ela arquiteta a vingança. Ela é manipulada pelo fato de que o pai foi injustamente assassinado e isso a faz agir, ela sabe e pode fazer, ou seja, é um sujeito competente para o ato.

Ainda quanto à competência do saber, também cabe destacar o conhecimento de Emma sobre o movimento grevista que estava se formando na empresa, conhecimento que ela usará para manipular o dono da fábrica – "llamó por télefono a Loewenthal, insinuó que deseaba comunicar, sin que lo supieran las otras, algo sobre la huelga y prometió pasar por el escritorio, al oscurecer"[10] (p. 75). Neste ponto, Emma (destinador) manipula o destinatário (Loewenthal), colocando assim seu plano em execução, qual seja, vigar a morte do pai. O objeto valor de Emma é a morte de Loewenthal.

[9] "Loewenthal não sabia que ela sabia; Emma Zunz tirava desse fato ínfimo um sentimento de poder". (Borges, 1999, p. 33, tradução de Flávio José Cardozo).
[10] "Telefonou para Loewenthal, insinuou que desejava comunicar, sem que as outras soubessem, algo sobre a greve e prometeu passar pelo escritório, ao anoitecer". (Borges, 1999, p. 34, tradução de Flávio José Cardozo).

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

O processo de manipulação que o destinador (Emma) cria fundamenta-se na sedução, uma vez que ao telefonar para marcar o encontro e fazer as delações, já sugere que dispõe de uma informação que o destinatário não tem e que se faz necessária. Já na presença de Loewenthal, Emma em busca de seu objeto valor (a vingança), ainda trabalha com manipulação, "Sentada, tímida, pidió excusas a Loewenthal, invocó (a fuer de delatora) las obligaciones de la lealtad, pronuncio algunos nombres, dio a entender otros y se cortó como si la venciera el temor"[11] (p. 78).

Entre o telefonar e o encontrar-se com o destinatário, há o marco fundamental que situa a doação de competência, e se dá com o uso do corpo para obter "provas" que serão usadas como álibi ao final da trama. Neste mesmo instante, observa-se a *performance*, que é a transformação da passiva (pacífica, ingênua) à ativa (vingativa, racional) e, a partir deste momento, o destinador tem as ferramentas necessárias para seguir com o plano.

Nesta cena, a personagem protagonista passa por um importante processo de transformação. Há uma grande ruptura no momento em que Emma entrega seu corpo ao marinheiro, visto que, todas as características anteriormente atribuídas a ela pelo narrador, que é onisciente seletivo, são deixadas de lado. Desde o início do conto, o narrador enfatiza informações sobre o caráter cheio de pudores daquela jovem de quem nunca se esperava que se falasse de homens.

Neste sentido, a narrativa conduz à percepção de um sujeito puro e que se declara contra qualquer violência. No entanto, ao entregar o corpo para um desconhecimento para a construção de uma suposta prova de abuso sexual, a personagem se torna totalmente ardilosa e sagaz. Cabe observar que tal transformação, como afirma Campos, não se trata de uma inversão no eixo dicotômico bem-mal – "Borges relata as reações humanas num instante-limite existencial. Quando mostra o lado perverso da natureza humana, não há o intento de reprová-lo" (1988, p. 69).

Ademais, cabe ressaltar, como observa Padrão, que é esta grande transformação no caráter da personagem que torna verossímil a história contada por Emma mais tarde à polícia.

> É importante registrar que Emma é uma jovem de 19 anos, aparentemente ingênua, solitária, calma e totalmente inexperiente no relacionamento com o sexo oposto. Tais fatos, certamente, conferem credibilidade a sua história, que é parcialmente verdadeira. O ato de violência suportado pelo corpo de Emma é verdadeiro; quem o praticou, entretanto, não foi Loewenthal. Emma mistura fatos e pessoas, como uma alucinação, mas a história que conta a todos se impõe como a "sua verdade" porque

[11] "Sentada, tímida, pediu desculpas a Loewenthal, invocou (à maneira de delatora) as obrigações da lealdade, pronunciou alguns nomes, deu a entender outros e calou-se como se o medo a vencesse". (Borges, 1999, p. 33, tradução de Flávio José Cardozo).

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

> ultraje, ódio, pudor têm sempre em comum a aparência de autenticidade com que se expressam. (Padrão, 2008, p. 5)

Do ponto de vista da protagonista, com um posicionamento inicial disjunto de seu objeto valor, ela atravessa barreiras, mata e mente e consegue a sanção desejada para Loewenthal sem ser punida, momento em que se sente vingada e liberta: "he vengado a mi padre y no me podrán castigar..."[12] (p.78). Neste conjunto, observa-se também o momento em que a voz do texto é transferida para a personagem e, logo em seguida, há um enunciado completo por parte de Emma: "Ha ocurrido una cosa que es increíble... El señor Loewenthal me hizo venir con el pretexto de la huelga... Abusó de mí, lo maté…"[13] (p. 79).

A sanção, então, é positiva, já que a minuciosa articulação do plano faz com que, além de ser executada a vingança, não haja punição pelo crime realizado com o fim de uma justa punição para a personagem.

NÍVEL DISCURSIVO

Para o terceiro nível da presente análise, e última etapa do percurso gerativo de sentido, partimos do pensamento de Carvalho.

> O nível discursivo é encarregado de retomar as estruturas Semióticas de superfície e colocá-las em discurso. O sujeito enunciador organiza as categorias de sujeitos do discurso, os atores, o espaço, o tempo, os temas, bem como as figuras que os põem em discurso, para convencer o enunciatário daquilo que ele deseja afirmar.

Neste nível, paralelamente as relações já estabelecidas entre os níveis fundamental e narrativo, observamos que o uso do corpo delimita mais do que a criação do álibi ou da transformação da personagem, marca, inclusive, o início da transformação que se refere às mulheres.

> O texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido. Teorias diversas têm também procurado examinar o texto desse ponto de vista, cumprindo o que se costuma denominar análise externa do texto. (Barros, 2000, p. 7)

[12] "Vinguei meu pai e não me poderão castigar". (BORGES, 1999, p. 35, tradução de Flávio José Cardozo).
[13] "Aconteceu uma coisa inacreditável... O senhor Loewenthal me fez vir com o pretexto da greve... Abusou de mim, eu o matei..." (BORGES, 1999, p. 36, tradução de Flávio José Cardozo).

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

Neste sentido, a história da filha que vinga o pai é também a história de uma mulher que vive oprimida pelo ordenamento e pelo espaço social que lhe é facultado à época. Tal alegoria, desta forma, também estabelece intertextualidades com outros discursos que começam a se constituir para denunciar a condição da mulher na sociedade e reivindicar seus direitos, tais como a luta pelo direito ao voto, a luta pelo fim da inferioridade jurídica da mulher em relação ao homem etc.

Como podemos observar no conto, Emma, assim como outras mulheres que se são inseridas na narrativa, é empregada em uma fábrica de tecidos e desenvolve um trabalho de característica agregada ao gênero feminino, possivelmente na costura; enquanto os únicos dois personagens masculinos, Emanuel e Loewenthal, ocupam cargos de gerência na fábrica. Do mesmo modo, a discussão sobre a responsabilidade no desfalque no caixa da fábrica somente gira em torno dos personagens masculinos. Percebe-se dessa forma, a disparidade de posições que personagens de gêneros distintos ocupam na narrativa e, também, na sociedade da época. Neste sentido, tanto a atitude de Emma, quanto o movimento grevista que também é mencionado na narrativa, estabelecem, resguardadas as diferenças, contrapontos a mulher recatada, dócil, condescendente, emotiva e intelectualmente limitada.

Santos (2015, p. 266), ao tratar dessas desigualdades na Argentina, comenta que

> Como duplamente exploradas pela sua condição de trabalhadora e sexo subordinado, as mulheres se inserem no movimento operário em busca de direitos que lhes são negados. Elas atuaram na direção de organizações sindicais ou como incansáveis militantes nas greves, piquetes e outras formas de protesto, dando exemplos de combatividade e coragem, transgredindo os condicionamentos impostos ao 'sexo frágil'.

O tema da passagem da opressão à liberdade pelo uso do corpo, de certo modo, vem ao encontro da premissa proposta pelos movimentos feministas de emancipação; e, aponta à sagacidade da personagem protagonista que usa o corpo como um meio para a vingança, em que elabora e executa racionalmente um plano para punir aquele que acredita ser responsável pelo destino trágico do pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrando este estudo sobre o percurso do sujeito semiótico buscou-se demostrar 1) a transformação de estado do sujeito e seus investimentos figurativos e 2) as construções discursivas da mulher na sociedade.

Revista Literatura em Debate, v. 18, n. 32, p. 47-59, jul./dez. 2023.
DOI: https://doi.org/10.31512/19825625.2023.18.32.47-59

Assim, percebe-se que Emma Zunz percorre um caminho pouco extenso em termos cronológicos, no entanto profundamente significativo na construção da personagem. Seu objeto de desejo é conquistado em apenas três dias após a descoberta que a levara à transformação.

As lacunas deixadas sobre as circunstâncias do pai ter trocado de nome e estar em outro país, da ausência da mãe, da ascensão de Aarón Loewenthal até tornar-se um dos donos da empresa, bem como o porquê de ocultar a carta e não procurar levantar as provas que poderiam inocentar o pai e incriminar Loewenthal são pontas soltas que suscitam a participação do leitor, provocando uma reflexão e julgamento posterior sobre a conduta de Emma.

Também observamos que, em um nível discursivo, as figuras e os tema se entrelaçam para contar, a história da moça que vinga a morte do pai e pode ser interpretada como afirmação do direito à liberdade das mulheres frente às opressões sociais, à posição da mulher nas fábricas e ao cerceamento do direito à greve.

Por fim, na realização de sua vingança, Emma Zunz figura entre outras marcantes personagens femininas da literatura, tais como, salvando as devidas proporções, Diadorim de *Grande Sertão: Veredas,* de Guimarães Rosa e Úrsula Iguarán de *Cien años de soledad,* de Gabriel García Márquez, para citar dois escritores contemporâneos a Jorge Luís Borges.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BORGES, Jorge. Luis. **Emma Zunz.** In: El Aleph. 10 ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2016.

CAMPOS, Vera Mascarenhas de. **Borges e Guimarães**: na esquina rosada do grande sertão. São Paulo: Perspectiva, 1988.

CARVALHO, Márcia Ferreira de. Análise Semiótica de narrativas tradicionais de mulher sofrida**. Cultura & Tradução**: João Pessoa, n. 1, v. 1, p. 1-8, 2011. Disponível em: http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ct/article/view/13001/7517. Acesso em: 25 mai. 2017

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. Enunciação e Semiótica. **Rev. Prog. Pós-graduação em Letras**. Santa Maria, n. 33, p. 72-97, 2006. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11924/7345. Acesso em: 23 jul. 2017.

NAMORATO, Luciana. **Diálogos borgianos:** Intertextualidade e imaginário nacional na obra de Jorge Luis Borges e Antonio Fernando Borges. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

PADRÃO, Andréa Lúcia Paiva. O corpo como instrumento de vingança em "Emma Zunz" de Borges**. Fazendo gênero**. v. 8, n. 63, Florianópolis, ago. 2008, p. 1-6. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST63/Andrea_Lucia_Paiva_Padrao_63.pdf. Acesso em: 03 jun. 2017.

SANTOS, Raquel Paz dos. Nascem as rosas entre os espinhos: a participação da mulher no movimento operário no Brasil e na Argentina. **Caderno Espaço Feminino,** v. 28, n. 1, Uberlândia, Jan./Jun. 2015, p. 253-271. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/viewFile/28361/17234. Acesso em: 01 ago. 2017.

SARAIVA, José Américo Bezerra. Sujeito do discurso: crise de identidade e poéticas contemporâneas. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 9, n. 2, São Paulo, dez. 2011, p. 1-21. Disponível em: https://doi.org/10.21709/casa.v9i2.4715. Acesso em: 23 jul. 2017.

SARLO, Beatriz. **Jorge Luis Borges, um escritor na periferia.** Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Iluminuras, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.